



Da semente ao alimento: a experiência do Movimento Camponês Popular de Sergipe na produção e comercialização de cuscuz a partir de milho crioulo

From the seed to food: the experience of the Popular Peasant Movement of Sergipe in the production and commercialization of couscous from creole corn

CAETANO, Philipe Alves Rolemberg¹; FAGUNDES, Rita de Cássia²;
MAIA, Ana Karolina Bento³; ROSA, Tabata Neves⁴; MOREIRA,
Ezequiel Gonçalves⁵; SANTANA, Tihago dos Santos⁶.

¹MCP, Brazil, ^{1,1}philipe_floresta@hotmail.com; ²UFRRJ, Brazil, ^{2,2}ritafagundes@hotmail.com;

^{1,3}anakmaia@yahoo.com.br; ^{1,4}tabatalilaz@hotmail.com; ^{1,5}ezequiel2088@hotmail.com;

^{1,6}tihago.ufs@hotmail.com

Tema gerador: Estratégias Econômicas em Diálogo com a Agroecologia

Resumo

O trabalho de resgate e multiplicação de variedades crioulas de milho em Sergipe tem se tornado extremamente necessário diante do fato de que aproximadamente 90% do milho plantado no estado são transgênicos. Relatamos aqui a primeira experiência do Movimento Camponês Popular na produção e beneficiamento industrial da farinha de cuscuz de milho crioulo. Os dados foram obtidos a partir de diários de campo, entrevistas, consulta a registros realizados pelo setor de produção do movimento e pesquisa bibliográfica. A experiência demonstrou que o beneficiamento para consumo e comercialização se mostrou viável como alternativa social, ambiental e produtiva, evidenciando a necessidade da existência de agroindústrias populares no estado que possibilitem uma produção de forma descentralizada, contribuindo para a transição agroecológica, para a produção de alimentos mais saudáveis e também para a geração de renda das famílias produtoras.

Palavras-Chave: Transição agroecológica; Autonomia camponesa; Beneficiamento de alimentos; Viabilidade econômica, social e ambiental.

Abstract

The work of rescue and multiplication of native corn varieties in Sergipe has become extremely necessary due to the fact that approximately 90% of corn planted in the state is transgenic. We report here the first experience of the Popular Peasant Movement in the production and industrial processing of the couscous flour of Creole corn. The data were obtained from field journals, interviews, reference to records made by the motion production sector and bibliographic research. Experience has shown that the beneficiation for consumption and commercialization proved viable as a social, environmental and productive alternative, evidencing the need for the existence of popular agroindustries in the state that enable production in a decentralized way, contributing to the agroecological transition, to food production More healthy and also for the generation of income of the producing families.

Keywords: Agroecological transition; Peasant autonomy; Food processing; Economic, social and environmental viability.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 12

Estratégias Econômicas em
Diálogo com a Agroecologia



Contexto:

Nos últimos anos, temos visto mudanças significativas não só no modo como os alimentos passaram a ser produzidos, mas nos hábitos alimentares de modo geral, tanto das populações do campo como das cidades. Essas mudanças ficam bem evidentes em Sergipe, especialmente em relação à produção de milho e ao consumo do cuscuz, alimento tradicional, reconhecido pelo Ministério da Saúde como um dos pratos que faz parte da identidade nordestina (BRASIL, 2015).

A partir de 2003, o Estado de Sergipe passou a vivenciar fortes transformações decorrentes da chegada tardia da Revolução Verde na região. O cultivo que historicamente foi produzido para subsistência das famílias, geralmente consorciado com feijão, a partir da utilização de sementes guardadas para as safras seguintes ou trocadas com outros camponeses e camponesas, passou a ser substituído por sementes híbridas convencionais e transgênicas. Paralelamente a incorporação de sementes comerciais, aumentou consideravelmente o uso de maquinários e agrotóxicos. Como exemplo, pode-se verificar que a venda total de agrotóxicos em Sergipe saltou de 364 toneladas em 2005 para 853 toneladas em 2009. Para herbicidas, no mesmo período, o aumento foi de 255%, saindo de 197 toneladas para 699 toneladas (OLIVEIRA, 2011).

Estudos recentes realizados em alguns municípios do Estado apontam que hoje, 90% do milho produzido em Sergipe são transgênicos (SANTOS 2012). As mudanças no sistema produtivo também foram sentidas na alimentação. Embora a receita se mantenha a mesma, o cuscuz que historicamente era produzido artesanalmente, passou a ser produzido a partir de farinhas e flocos industrializados originários de milho transgênico. Só identificamos uma indústria – de grande porte - que produz cuscuz em Sergipe, as demais marcas comercializadas são de indústrias localizadas em outros estados, principalmente Goiás, Alagoas e Bahia. Atualmente, todas as marcas disponíveis nos mercadinhos e supermercados de Sergipe apresentam o rótulo indicando que são produtos transgênicos.

Contrariando essa tendência, no final de 2014, o Movimento Camponês Popular (MCP) chegou ao Estado de Sergipe, organizando camponeses e camponesas da região Sul do estado. Dentre as ações propostas pelo movimento está o resgate, multiplicação e comercialização de sementes crioulas como forma de avançar na construção da autonomia camponesa e da Soberania Alimentar, além de valorizar a produção camponesa, gerando mais renda para as famílias envolvidas.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 12

Estratégias Econômicas em
Diálogo com a Agroecologia



Descrição da experiência

A experiência aqui descrita é decorrente de dados obtidos a partir de diários de campo, entrevistas, consulta a registros contábeis realizados pelo setor de produção do movimento e pesquisa bibliográfica.

O processo de resgate e multiplicação de sementes crioulas se relaciona com a Agroecologia através da lógica de fortalecimento do campesinato e do avanço para um modelo de agricultura camponesa que não seja dependente do pacote tecnológico das grandes empresas do agronegócio. As sementes nas mãos dos camponeses significam autonomia e poder político dos mesmos, se fortalecendo enquanto classe social e, opostamente, enfraquecendo as amarras do agronegócio em relação a este setor.

A partir do final do ano de 2015 o MCP passa a enxergar a necessidade de avançar em dois sentidos: 1) Dominar os circuitos de produção e beneficiamento (cadeia produtiva) das culturas que o movimento possuía maior trabalho com as sementes crioulas; 2) Se desvencilhar da dependência de políticas públicas para escoamento como única forma de comercialização da sua produção, devido à conjuntura de cortes nos programas que favorecem aos trabalhadores que reflete diretamente sobre o campesinato.

A primeira está relacionada ao papel cumprido pelo campesinato nas cadeias produtivas do agronegócio, que é a produção de matéria-prima para o setor agroindustrial. Desta forma, os camponeses passam a ser apenas uma parte do processo produtivo, consumindo os insumos produzidos pelas empresas, assumindo todo o risco do processo produtivo e entregando a sua produção a valores ínfimos para aqueles que irão beneficiá-la e acumular capital a partir deste processo. Dominar a cadeia produtiva, para o MCP, significa que, por um lado, pode-se avançar na proposta da agroecologia no sentido de produzir os insumos necessários para garantir uma produção limpa de alimentos saudáveis, guardando as próprias sementes, produzindo os próprios adubos e defensivos naturais; e por outro lado, a partir do processo de beneficiamento e comercialização da produção, gera-se mais renda para as famílias que aceitarem fazer parte deste processo.

A segunda está relacionada à estratégia do movimento perante a conjuntura política. Com o avanço de um neoliberalismo ortodoxo no país representado pelo governo golpista de Michel Temer, existe uma forte tendência de que o Estado diminua os recursos que estavam voltados para políticas de fortalecimento da agricultura camponesa, fato este que já vem ocorrendo com alguns programas, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), onde o MCP comercializava boa parte da sua produção de



sementes. Assim, garantir métodos próprios, independentes da estrutura do Estado, de comercialização da produção das famílias envolvidas no movimento se torna uma urgente necessidade.

Diante destas análises, aliada à cultura alimentar do povo sergipano, foi que o MCP decidiu dar força à proposta de produção da Farinha de Cuscuz de Milho Crioulo.

A falta de chuvas na região no ano de 2016 fez com que boa parte da produção das famílias envolvidas no movimento não obtivesse êxito, produzindo pouco ou quase nada. A maioria das famílias utilizou o pouco que conseguiu produzir para alimentação animal na forma de rolão ou silagem. Porém, de um total de mais de 30 famílias, 5 conseguiram obter uma produção mais representativa, que chegou próximo a 4,2 toneladas de milho, entre grãos e sementes. Do montante separou-se 600 quilos para sementes e os demais (3,6 toneladas) foram levados, através de frete, para ser beneficiado na agroindústria da Cooperativa Agropecuária Mista Regional de Irecê (COPIRECÊ), município de Irecê-BA, localizado a aproximadamente 700km de distância da região Sul de Sergipe, onde foram produzidas aproximadamente 1,8 tonelada de farinha de cuscuz de milho crioulo. O restante, equivalente a 1,8 toneladas, foi considerado como subproduto (farelo de milho) e ficou na agroindústria como pagamento pelo serviço do beneficiamento e empacotamento.

Como forma de dar início a um processo de organização e geração de renda para a juventude camponesa, o movimento convidou alguns jovens envolvidos na sua organização para realizar a colagem dos rótulos/adesivos nos quase 4 mil pacotes, juntando aproximadamente 10 jovens residentes nas comunidades do município de Tomar do Geru/SE para realizarem tal atividade.

Resultados e desafios

Apesar de inicial, a proposta já se mostra promissora. Em aproximadamente dois meses todo o montante produzido foi comercializado e aprovado pelos consumidores. Os pacotes foram vendidos de forma informal nos municípios da região e na capital Aracaju. As estratégias de comercialização foram à comercialização para mercearias e lojas de produtos naturais, divulgação do produto via redes sociais, vendas individuais e a comercialização em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Sergipe (SINTESE) para os seus sócios. Há relato, por parte dos consumidores, que chegaram pacotes em outros estados como Pernambuco, Bahia, Goiás, Paraná e Distrito Federal.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 12

Estratégias Econômicas em
Diálogo com a Agroecologia



A partir desta experiência percebe-se que, de fato há uma alta demanda por alimentos mais saudáveis. Mesmo o cuscuz ainda não sendo totalmente agroecológico, só o fato de ser livre de transgênicos já chamou atenção e despertou o interesse de muitos consumidores. A procura pelas massas foi muito grande e, mesmo com o fim do estoque, muitas pessoas ainda perguntam se têm pacotes e como fazem para adquirir.

O valor médio do saco de milho com 60 quilos recebido pelas famílias camponesas que venderam às indústrias para produção de ração animal em 2016 foi de R\$ 45,00 (quarenta e cinco reais), ou seja, o valor recebido por quilo foi equivalente a R\$ 0,75 (setenta e cinco centavos de real). Nesta experiência os camponeses ligados ao MCP receberam R\$ 70,00 (setenta reais) pelo saco de milho com 60 quilos, equivalente a R\$ 1,16 (um real e dezesseis centavos) por quilo.

Pelo caminho da produção de farinha de cuscuz viabilizado pelo MCP, somando o custo de frete, a confecção dos rótulos, o pagamento dos jovens e ainda, a parte que ficou com a agroindústria como pagamento pelo beneficiamento, resultou num custo médio de R\$ 3,97 (três reais e noventa e sete centavos) por quilo. Nesse sentido, considerando que o valor comercializado junto ao consumidor final foi de R\$ 7,00 (sete reais) o quilo, verifica-se do ponto de vista econômico, que se todos os pacotes com 500g tivessem sido comercializados ao preço de R\$ 3,50 (três reais e cinquenta centavos), além dos produtores já receberem mais pelo saco de milho in natura, haveria ainda uma agregação de 176% ao valor do produto final, ou seja, se o beneficiamento tivesse ocorrido na própria região e com embalagens próprias, se reduziria o custo de produção e consequentemente poderia ser reduzido o preço para o consumidor final.

Os desafios para o desenvolvimento desta experiência são diversos. Vão desde o processo de diálogo com os camponeses sobre a importância de se trabalhar com as sementes crioulas, plantando-as, multiplicando-as e, principalmente, mantendo um estoque das suas variedades; passando pelas dificuldades climáticas que assolam a região, que tem tido baixas quantidades de chuva; passando também pela necessidade real de avançar para uma transição agroecológica, até a pela pretensão de se ter uma planta agroindustrial própria para garantir um processo de beneficiamento menos custoso e mais rentável para as famílias.

Dos desafios acima apontados, o diálogo com os camponeses sobre a importância de se trabalhar com as sementes crioulas é o menos difícil, pois as famílias conseguem facilmente enxergar os benefícios de utilizarem as sementes crioulas por serem mais limpas, mais baratas e, principalmente, por conseguirem ver como fruto do seu traba-



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 12

Estratégias Econômicas em
Diálogo com a Agroecologia



Isto, a possibilidade concreta da própria família consumir uma farinha de cuscuz mais saudável do que produtos transgênicos e ainda a possibilidade de agregar renda ao produto, a partir da comercialização do excedente.

Já a questão climática se apresenta como o desafio mais complexo, pois a busca por soluções vai além da capacidade de organização dos camponeses e do movimento. Sergipe, diferentemente de outras regiões que conseguem realizar de duas a três safras de grãos por ano, só realiza uma, em virtude dos longos períodos de estiagem. Embora o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) seja disponibilizado todos os anos, objetivando-se minimizar os riscos e conseqüentemente o estresse e a perda de produtividade, a partir da identificação da melhor época para o plantio, não há garantias reais de que haverá mais ou menos chuvas em tal período. Desta forma, os camponeses têm preparado a terra e plantado as sementes já nas primeiras chuvas e acreditando que com fé, as chuvas virão e terão uma boa produção.

Em relação à transição agroecológica, o debate é feito constantemente, mas verifica-se que na prática, o avanço se dá a passos lentos. O debate sobre o papel do camponês na produção de alimentos saudáveis para o povo brasileiro é realizado nos diversos encontros, porém nem sempre os camponeses têm condições de realizar uma produção totalmente limpa por falta de disponibilidade de insumos agroecológicos no mercado, aliada a falta de conhecimento/prática na produção dos próprios insumos. A questão dos insumos tem sido trabalhada através de intercâmbios e oficinas, no entanto há um déficit no corpo técnico do movimento, dificultando avanços mais rápidos neste sentido. Como desafio para a safra de 2017, ficou acordado entre os camponeses a não utilização de nenhum tipo de agrotóxico nas roças de milho, garantindo assim uma farinha de cuscuz livre de transgênicos e de agrotóxicos.

Nota-se que mesmo levando em consideração a longa distância do local em que o cuscuz foi produzido, o beneficiamento para consumo e comercialização se mostrou viável como alternativa social, ambiental e produtiva. A experiência chamou a atenção para a necessidade da criação de agroindústrias populares no estado que possibilitem uma produção de forma descentralizada, contribuindo para a autonomia das famílias produtoras e também para a formação de circuitos curtos de comercialização.

Enxerga-se, por fim, o desafio de fazer com que o produto seja, de fato, popular. O pacote do cuscuz de 500g foi vendido a R\$ 3,50 (três reais e cinquenta centavos). Valor este que, apesar de ser acessível para uma parte da população, ainda é um valor alto para as famílias que possuem baixa renda, fazendo com que acabem dando



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 12

Estratégias Econômicas em
Diálogo com a Agroecologia



preferência às farinhas de cuscuz convencionais (transgênicas). Para isto, o aumento da quantidade produzida aliada à possibilidade de uma planta própria de agroindústria popular de pequeno porte, seria uma boa solução.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Alimentos regionais brasileiros** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015.

OLIVEIRA, O. S. **Relações entre tecnologia e sustentabilidade da produção de milho em Sergipe a partir de indicadores biológicos da qualidade do solo**. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente PRODEMA/UFS, São Cristóvão, 2011.

SANTOS, C. **Níveis tecnológicos dos agroecossistemas do milho no Estado de Sergipe**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia PPGEU/UFS, São Cristóvão, 2012.